

EM PLENA MARCHA

Provavelmente, no cotidiano, terás encontrado companheiros que te pareceram marginalizados perante a estrada justa;

os que se supunham demasiado virtuosos para sobrestar as paixões humanas, a escarnecerem dos fracos, e caíram nelas, à feição de pássaros engodados pela merenda na armadilha que os recolheu;

os que censuravam os erros do próximo, na base da ignorância, e se arrojavam depois nos despenhadeiros de enganos piores;

os que empreenderam jornadas re-dentoras, colocando-te pesada carga nos ombros, afastando-se das obrigações que prometeram honrar;

e quantos outros que ainda, incapazes de vencer a própria insegurança, desceram de eminências do serviço espiritual

para aventuras turbulentas, chegando até mesmo à negação da fé que afirmavam acalentar.

Diante de todos eles, os que desconsideraram os outros, colhendo por fim a desconsideração alheia, à face das situações complexas em que intimamente se reconhecem prejudicados e infelizes, recorda as dificuldades da própria sustentação espiritual; e, examinando as provações e os empecos de quem deseja acatar as responsabilidades próprias, endereça a todos os amigos, talvez em lutas mais graves do que as tuas, os teus melhores pensamentos de paz e bom ânimo, a fim de que se restaurem.

Espíritos egressos de experiências vinagrosas em existências outras que o tempo arquivou para balanço oportuno, todos ainda carregamos nas próprias tendências o risco de retorno a quedas passadas, reclamando a bondade e a tolerância dos outros, de modo a demandarmos os caminhos da frente.

Partilhando a jornada humana, compreendamos que os companheiros julgados caídos estão desafiados por obstáculos e crises muito difíceis de atravessar.

E, ao invés de agravar-lhes os problemas, que amanhã talvez se façam nossos, saibamos ofertar-lhes a bênção da prece quando de todo não lhes possamos estender os braços, lembrando o Divino Amigo quando nos asseverou, convincente:

— “Em verdade não vim ao mundo para curar os sãos.”